

Ao Marechal Ademar de Queirós

RUBEM BRAGA

A Comissão Diretora de Relações Públicas do Exército desmentiu que o cabo Arrais (o que deu fuga a prisioneiros políticos sob sua guarda em uma fortaleza) tenha sido morto. Já contei aqui a história desse cabo, que teve asilo negado na Embaixada do Uruguai. O ministro da Guerra também desmentiu a notícia de fuzilamento veiculada por jornais uruguaios.

Congratulemo-nos pelo fato: o cabo Arrais está vivo. Não vi nenhum desmentido, entretanto, à notícia, igualmente aparecida na imprensa uruguaia, de que ele tenha sido ou esteja sendo espancado ou torturado pela polícia do Exército. Ao comentar aqui essa notícia, escrevi que antes do movimento de março-abril ninguém lhe daria fé, pois a ninguém pareceria crível que um prisioneiro pudesse ser torturado dentro de um estabelecimento do Exército. Infelizmente a impunidade dos oficiais torturadores de Goiás, do Recife e de outros lugares, depois da Revolução, explica e justifica a apreensão pela sorte do cabo Arrais.

A posição de um cronista em face de um caso desses é muito delicada. Depois de minha crônica aparecer, recebi a informação de que o militar estava preso na cela número 17 do forte velho da Urca, em estado lastimável devido aos maus tratos recebidos. Em outro local estaria preso o filho do sorveteiro do forte, acusado de cúmplice na fuga, e que também teria sido espancado.

E' claro que não posso confirmar essa denúncia. Quem a fez não se propõe a sustentá-la: diz ter medo. Que fazer? Se não posso apurar a denúncia, devo ignorá-la? Seria, sem dúvida, mais prudente, e eu não correria nenhum risco. Mas seria também aquela espécie de prudência que levou o diplomata uruguaio a negar asilo ao cabo, e a entregá-lo virtualmente às mãos de seus perseguidores, devido a um pequeno escrúpulo de natureza jurídica.

Prefiro veicular a notícia, embora sem elementos para endossá-la: o cabo Arrais, severamente maltratado, está na cela 17, e um menor nas mesmas condições está preso em outro local.

Está no Ministério da Guerra o marechal Ademar de Queirós, homem sobejamente conhecido no Exército não apenas pelas suas virtudes de militar e de cidadão como também pela sua bondade. Lembro-me perfeitamente do respeito e da simpatia que envolviam seu nome na Campanha da Itália. E' para o ministro-marechal Ademar de Queirós que eu apelo sem outros títulos além de minha modesta medalha de Campanha, recebida por atividades profissionais junto ao Exército quando o nosso Exército lutava contra o fascismo e o nazismo, regimes de opressão, de torturas, de crimes contra a dignidade humana.

Mande o marechal apurar pessoalmente essa denúncia, mande vir à sua presença esse pobre cabo, dê-nos uma palavra de garantia e de conforto, dê-nos a certeza de que o Exército brasileiro baseia a sua disciplina e a sua justiça no respeito à dignidade do homem e não na estupidez dos castigos corporais e das vinganças covardes — e, sinceramente, seremos felizes em publicar o seu desmentido a essas vozes que nos chegam trêmulas de indignação e de medo.

8/12/66